

JULHO 2026 | EDIÇÃO 24

Oxente!

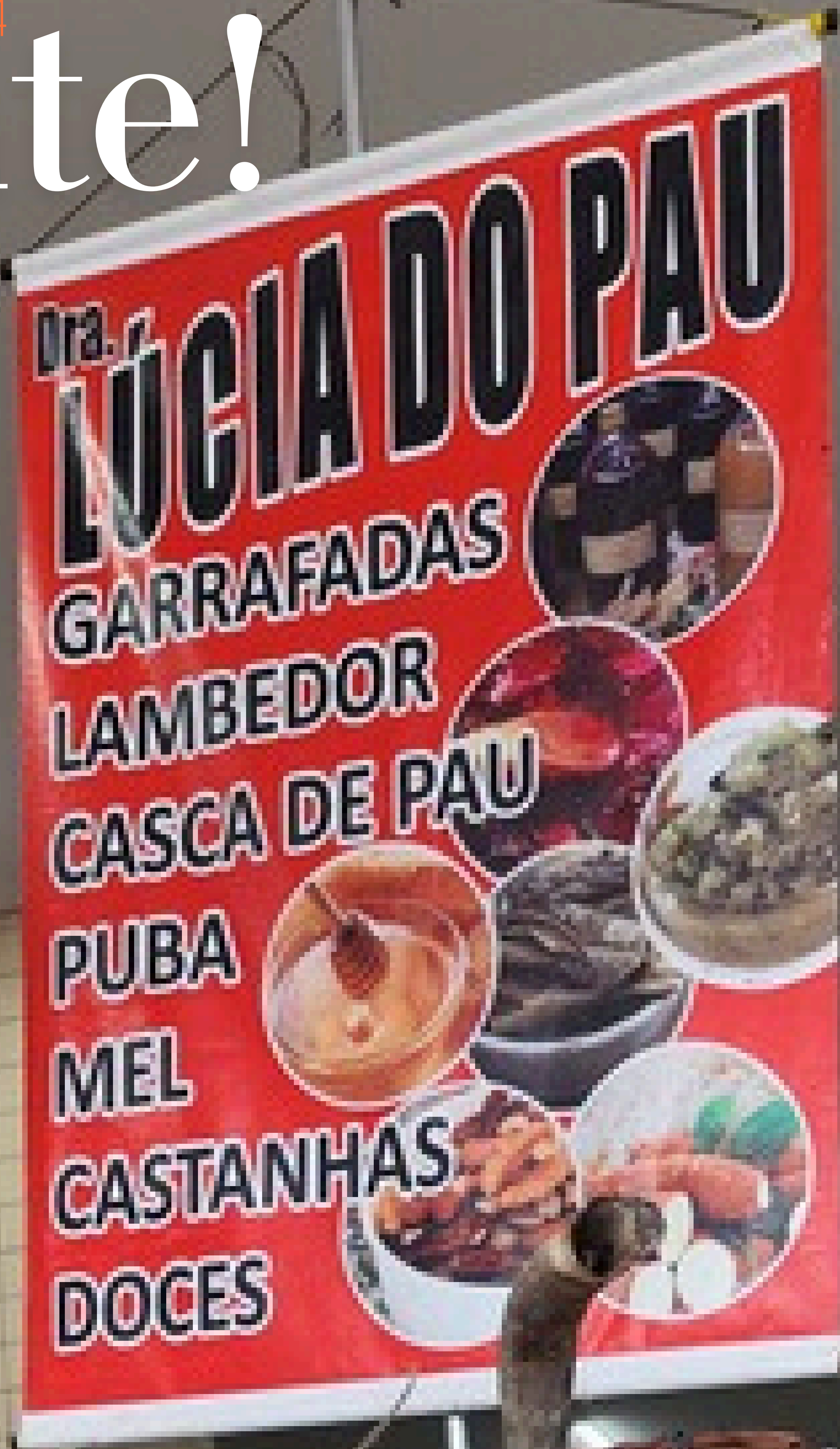
*O Reisado da Dona Toinha
e do Chico Porva do Mutirão*

*Invisibilizadas: mulheres
resistem e enfrentam
desafios nos bastidores da
cultura no Piauí*

*CCC: o espaço onde a cena
alternativa de Teresina
acontece*

Correr: uma paixão pela vida

Entre ervas e orações



ÍNDICE 2

EXPEDIENTE.....3

EDITORIAL4

O REISADO DA DONA TOINHA E DO CHICO PORVA DO MUTIRÃO5

INVISIBILIZADAS: MULHERES RESISTEM E ENFRENTAM DESAFIOS NOS BASTIDORES DA CULTURA NO PIAUÍ.12

CCC:O ESPAÇO ONDE A CENA ALTERNATIVA DE TERESINA ACONTECE.....16

SABOR DO CENTRO DA CIDADE QUE JÁ FOI VERDE18

PRAÇA DOS ORIXÁS..... 22

ENTRE ENSAIOS E FIGURINOS, CASA REDEMOINHO DE DANÇA PROMOVE A ARTE E A FORMAÇÃO DE BAILARINOS NA ZONA NORTE DE TERESINA24

CORRER: UMA PAIXÃO PELA VIDA26

KING KOBRA: O NINHO ONDE A DIVERSIDADE TERESINENSE SE ENCONTRA28

KENTRE ERVAS E ORAÇÕES.....30



Repórteres

Breno Campos
Eduardo Cunha
Maria Isabelle Pedrosa
Sabrina Moraes
Isaías André

Editoras-chefes

Ana Regina Rêgo
Maria Clara Guimarães

Diagramação/Revisão

Sabrina Moraes / Maria Clara Guimarães e Ana Regina Rêgo

Supervisão

Ana Regina Rêgo



Nesta edição da Revista Oxente, o jornalismo cultural caminha bem de perto com as pessoas, com os bastidores e com as ruas da nossa cidade. Como professora da disciplina, acompanhei cada etapa da escrita e da diagramação e, por isso, sinto um orgulho imenso ao ver este produto finalizado. O que os estudantes de jornalismo da Universidade Federal do Piauí produziram aqui foi um registro da nossa identidade.

As reportagens deste número trazem o coração do Piauí em texto e imagem. O leitor vai se emocionar com as histórias da nossa gente, como a tradição do Reisado em Demerval Lobão, e também vai perceber a força das mulheres que dão vida e sustentam os bastidores da nossa cultura, muitas vezes trabalhando longe dos holofotes.

Nossa caminhada também chegou ao Centro de Teresina, que é o berço da nossa história. Esse espaço é carregado de testemunhos de pessoas que vivem por lá diariamente e lutam com força pela revitalização de uma região que, muitas vezes, é negligenciada. Mostramos como o Centro Cultural do Centro (CCC) virou a casa da cena alternativa e do movimento underground teresinense. Investigamos também os sabores, os contrastes e os dilemas dos nossos espaços públicos, com seus museus e mercados, escutando as raízes do Mercado Central.

Esse passeio chega ainda à Zona Norte da capital para entender a realidade urbana local. Lá, nos deparamos com a Casa Redemoinho de Dança, que promove arte e formação para bailarinos, e também com a disputa por memória em torno da Praça dos Orixás. O local está se deteriorando devido ao abandono do poder público, funcionando como um reflexo da intolerância e do desrespeito com as religiões de matriz africana.

Esta edição ainda se expande para além dessas páginas, trazendo mais olhares e personagens marcantes, com reflexões sobre o que nos move. Esta revista pulsa a cultura da nossa região. O nosso desejo é que estas páginas sejam lidas com a mesma sensibilidade e dedicação com que foram planejadas.

Boa leitura!

O Reisado da Dona Toinha e do Chico Porva do Mutirão

Sabrina Moraes

“Ô, de casa, ô de fora! Ô, de casa outra vez! Senhora ou dono da casa, ano bom, festa de Reis! Ô, eu cheguei na sua porta, tô no pé do seu batente. Ô, senhora ou dono da casa, me diga se está doente! Se tiver gente doente me diga que eu vou embora! Com o Divino, Santos Reis, Deus e Nossa Senhora. Senhora ou Dono da casa, eu vim lhe visitar. A esmola de Santos Reis os caretas veio buscar”, e assim, toda a vizinhança saía no terreiro para ver o Reisado e logo se juntavam à peregrinação.

Entre as lembranças mais felizes que guardo da minha infância em Demerval Lobão estão as memórias do Reisado. As saias de palha com fitas coloridas dos caretas, as crianças correndo com medo dos bichos, a bandeira branca com frases pintadas em cor de rosa pendurada na porta, o sanfoneiro suado da caminhada e a música tão característica cantada pelos caretas ao som da sanfona, pandeiro e triângulo que chegava antes de toda a animação trazida pelos bichos.

Quando a brincadeira começava uma grande roda se formava em torno dos três Caretas, da porta-bandeira do santo e dos bichos (Jaraguia, Burrinha e Boi). Dona Antônia Bezerra Lima, minha avó materna, posicionava a bandeira e a imagem dos Santos Reis rente à porta da casa na qual batiam. Primeiro os Caretas entoavam a cantiga-chamamento convidando a senhora ou dono da casa a abrir a porta, quando abriam era o momento de maior expectativa, em que seria decidido se haveria a brincadeira ou se pagariam apenas a esmola dos Santos.

Por volta dos meus oito anos, eu entendia o Reisado como algo natural, intrínseco, não conseguia imaginar que um dia ele teve um começo ou que teria um fim. Desde que me entendo por gente existe o Reisado da Vó Toinha. Talvez esse sentimento seja um pouco piauiense, afinal a festa de Reis, é uma celebração popular folclórica muito comum no estado do Piauí que reúne elementos do catolicismo misturados ao folclore local. A devoção aos Santos Reis, as rezas, os versos, a peregrinação e a dança fazem parte dessa festa, mas em cada local a tradição assume características próprias.

Só agora, escrevendo esta matéria, tive dimensão do quanto o reisado moldou as relações dentro da minha família materna. Conversei com minha avó Antônia Bezerra Lima, que aqui vou chamar de Vó Toinha, em sua própria casa, em Demerval Lobão, há 30 km da capital Teresina. Naquela manhã a encontrei no seu lugar de descanso favorito, deitada em sua rede de tiras, feita à mão pelo meu falecido avô. No terreiro, dois cachorrinhos passavam para lá e pra cá, enquanto o vento balançava as folhas dos pés de manga, ata e das bananeiras que ela cultivava do lado esquerdo do terreno no pequeno espaço que não recebeu concreto. Sentei numa cadeira e apoiei os pés no tamborete enquanto ela me contava com saudades de uma época em que a família, vizinhos, amigos, compadres e comadres se reuniam para celebrar a festa de Reis. Vó Toinha nasceu em 1950 na cidade de Valença do Piauí, a pele marcada pelo sol remete à sua trajetória baseada no trabalho no campo. Aprendeu a cultivar ainda criança, e criou seus 8 filhos na roça ao lado do marido Francisco Martinho



Dona Antônia Bezerra Lima tirou Reisado por 26 anos em Demerval Lobão-PI | Foto: Sabrina Moraes

de Sousa, o Chico Porva (pólvora), meu vovô Chico. Ela morou em algumas cidades entre Piauí e Maranhão, mas se estabeleceu com seu marido na cidade de Demerval Lobão, hora mais na cidade, hora na casa de taipa à beira do Rio Poty. A memória falha para alguns detalhes, mas me contou com carinho tudo de que se lembrava. “Eu tirei 26 anos o reisado, ficava a noite toda na rua até o dia ficar claro. Todo mundo gostava, ainda hoje eu ando na rua o povo só fala do Reisado”, contou com o olhar um pouco distante. Desde 2016 o Reisado da Vó Toinha não segue mais em peregrinação as brincadeiras acontecem apenas em apresenta-



O Reisado é uma tradição popular que mistura elementos do catolicismo com a cultura popular, em Demerval Lobão o Reisado da Dona Toinha chamava atenção de adutos e crianças. | Foto: Arquivo pessoal Dona Antônia

ções pontuais.

Os Santos Reis, como são conhecidos os Magos do Oriente retratados no texto bíblico de Mateus, seguindo a Estrela Guia, foram ao encontro de Jesus Cristo recém nascido para saudá-lo e presenteá-lo. A peregrinação dos sábios em busca do menino Deus é adorada e recriada durante o período que sucede as festas natalinas. Entre os dias 27 de dezembro e 6 de janeiro os grupos de Reisado saem de casa em casa com a imagem dos Santos Reis anunciando o nascimento de Jesus.

No clã dos Bezerra Lima, o costume de brincar o reisado começou com Vicença Bezerra Lima e José Bezerra Lima, meus bisavós maternos. Quando perguntei a Vó Toinha onde ela viu o Reisado pela primeira vez ela soltou uma risada indignada, “Rum, onde?”, respondeu minha pergunta que para ela não fazia sentido. Eu deveria saber que seu pai era Careta de Reisado, um daqueles três homens que usavam máscaras feitas de couro, longas saias de palha, que eram responsáveis pelas cantorias e pelo sapateado na hora da brincadeira. Assim que chegou ao povoado Malaquias, nos Morrinhos (agora cidade de Demerval Lobão), brincou no Reisado de Dona Edite, um dos mais famosos.

Foi por meio das mulheres que confiaram no poder de cura dos Santos que o Reisado tornou-se de fato uma tradição familiar. Dona Vicença Bezerra Lima foi a primeira a fazer uma promessa para os Santos Reis, anos depois sua filha Antônia também faria. Vicença pediu por saúde, dobrou os joelhos e prometeu tirar reisado em troca de curar-se das dores que sentia. De todo modo, ela e o marido José assumiram o compromisso com os Santos Reis e passaram a tirar Reisado de casa em casa. Foram três anos pa-

gando a promessa, tempo suficiente para que os filhos e os netos se apaixonassem pela tradição.

Em 1988, Dona Antônia teve seu oitavo filho, Maurício, e decidiu que ele seria o último. Nessa época passaram a morar na zona urbana numa casa simples à beira de uma ribanceira onde desagua um córrego. Quase dois anos depois do nascimento do filho caçula ela precisou de uma nova cirurgia em decorrência de complicações desse parto. Enquanto estava internada passou por duas cirurgias, e naquele momento, em que temia pela sua saúde, sua história se encontrou com a de sua própria mãe Vicença, “Eu pensei, eita, meu Deus, vou sentir essas coisas de novo. Lá, me lembrei dos Santos Reis, aí eu fiz a promessa”, conta. Dona Antônia esperou ansiosa pela chegada do marido no dia seguinte para perguntar se ele concordava em tirar Reisado por pelo menos dois anos. Meu avô, Chico Porva, um homem sempre disposto e dedicado à família, apoiou a decisão sem hesitar “Dá sim, Toinha, se você fez a promessa com fé em Deus vai se ajeitar”, segundo minha avó foram essas as palavras de seu marido. Assim, em 1990 começaram juntos a tirar Reisado.

O Reisado do Mutirão

Durante 26 anos, a promessa de Dona Antônia mobilizou toda a comunidade em torno de uma história movida por fé, devoção, solidariedade e companheirismo. Ela conta com alegria sobre as viagens de pau-de-arara para a zona rural e das noites viradas cumprindo sua missão. À princípio a brincadeira parece simples, mas o Reisado precisa da colaboração de muitas mãos para acontecer.

Foi através desses laços de solidariedade que as relações se estreitaram ainda mais, à medida que familiares, amigos e vizinhos entregavam tempo, dedicação e atenção para que a festa de Reis acontecesse anualmente. A comunidade do Mutirão fazia jus ao nome de seu bairro e estava à postos para ajudar.

No período do Reisado a pequena casa vivia cheia, o ponto mais popular era na pequena puxadinha na frente da casa em que colocavam as cadeiras para observar o movimento, jogar baralho e até beber uma cachaça. O povo chegava e os que não ficavam na varanda emburacavam para a cozinha que ficava no final da casa, era preciso descer três degraus, pois a casa ficava num terreno íngreme. A decoração era um fogareiro de barro, pia, fogão, mesa de madeira, tamboretas, uma rede de tiras e uma porteira, um lugar simples de cimento cru, mas de onde saíam as melhores refeições.

A peregrinação durava 9 noites. Os primeiros três dias eram dedicados à zona rural, no povoado Buriti Alegre. “Íamos no carro do Chico Margarida, era R\$20,00 reais, lotado de gente, umas 17 pessoas. Iam acompanhando, uns brincavam também. Lá ficávamos na casa do João Arundino, mas o “de comer” eu levava tudo, carne, arroz, feijão, tudo. Graças a Deus nunca faltou nada”, explica Dona Antônia orgulhosa de seus feitos. A partir da quarta noite colocavam as coisas de volta no caminhão e voltavam para a zona urbana para dar continuidade à peregrinação. O último dia era o momento da grande celebração. No dia 6 de janeiro, Dia de Reis, para nós conhecido como o Dia da Reza, era servido um grande almoço à todos que chegassem. À noite, a festa continuava com a procissão, o momento de oração, seguido pelo leilão e pela brincadeira que finaliza o evento.

Para brincar o reisado da Dona Antônia e do seu Chico Porva, eram necessários os músicos, o principal era o sanfoneiro, que por muitos anos foi João Arundino, amigo da família. Os outros instrumentos triângulo e pandeiro eram revezados pelos filhos de Dona Antônia e outros compadres que estavam sempre por ali. Na brincadeira entravam pelo menos três Caretas, liderados pelo meu tio-avô Odilo Bezerra, que também é cantador. E por fim dançavam também três bichos (artefatos alegóricos do reisado) o Boi, a Burrinha e o Jaraguaia, que também precisavam de brincantes.

Dona Antônia e Seu Chico tiveram oito filhos, Mariana, Claudio, Raimundo, Joana, Francisca, Francisco, Mauro e Maurício. Cada um deles ajudava como podia, mas alguns receberam responsabilidades maiores. Meu tio Chiquim, o 6º filho, começou a brincar reisado aos 13 anos, mas suas primeiras lembranças vem ainda do reisado do seu avô. “Eu lembro que eu gostava de entrar embaixo do boi, mas era muito pesado, que era feito com esteira, né? Aquela coberta com aquela esteira de palha de coco e com com o pano por cima, né, da palha para ficar mais bem enfeitado”, conta. Aos 13 anos ele já conseguia aguentar o peso do boi e brincou nele por mais de 8 anos. Quando a maioridade chegou, foi a hora de assumir o peso de outras responsabilidades. “Aí, quando eu fui ficando mais já de maior e tudo, aí a responsabilidade maior já passou mais para mim. O pai organizava tudo aqui em casa e quando nós saía para ir para o interior, aí já passava a responsabilidade para mim e a mãe, né? Aí a mãe já combinava mais comigo. Chiquinho, do jeito que você ajeitar aí, você faça. É assim, assim. Você toma de conta, tá bom? Aí, eu já corria atrás dos meninos para para quem ia brincar nisso, quem ia brincar naquilo, quem ia bater pandeiro, quem ia tocar sanfona, era assim e eu quem organizava tudo”, explica em tom de saudade.

No momento da peregrinação, Dona Antônia estava sempre à frente carregando a bandeira dos Santo Reis. Nos bastidores, muita coisa acontecia. Era necessário planejamento. O Boi era feito de uma armação de madeira e uma cabeça de ossada de boi, coberto por um

tecido preto, enfeitado com fitas coloridas, bandeirolas e enfeites de seda. A Burrinha era feita com uma armação central que simula a cabeça de uma burra, coberta por uma saia de tule e um chapéu coberto com um véu branco do mesmo material. O Jaraguaia, de longe o mais assustador dos três, é a figura de um burro preto, é feito com tecido preto que cobre uma grande cabeça de ossada de jumento. A estrutura dos bichos era feita pelo Seu Chico e pelo filho Chiquim, já a decoração ficava para minha avó e as filhas.

Para além da decoração dos bichos, era preciso contratar os tocadores e acertar quem brincaria em cada artefato naquele ano. Os tocadores eram pagos por noite, mas os brincantes recebiam apenas aquilo que era pago pelos donos das casas nas brincadeiras. O dinheiro era pouco, o verdadeiro atrativo era a folia, a brincadeira, as amizades. As crianças queriam crescer logo ansiosas pela sua vez de poder brincar. “Era bom, os meninos todos eles achavam bom demais. Aqui são poucos daqui do Mutirão que não que não brincaram com a gente. Uns brincavam de Careta, outros brincavam nos bichos, outros tocavam o pandeiro, outros, tocavam triângulo, mas estavam todos pelo meio. É bom demais. Era bom e até hoje é muito bom”, lembra Chiquim.

A comida era outro ponto muito importante da festa. “Graças a Deus, nunca faltou porco lá em casa, no dia 5, o Chiquim e os meninos iam lá pra casa e matavam dois porcos, dava 90kg”, conta Dona Antônia. Durante todo o ano meu avô Chico Porva estocava alimentos pensando na festa de Reis. No quintal inclinado, ele tinha um chiqueiro feito de madeira onde criava porcos, e um poleiro para as galinhas, animais eram cuidados e alimentados ali mesmo no quintal de sua casa,especialmente para garantir a alimentação de todos os brincantes e convidados, além das jóias do leilão. Chegando na casa do Vô Chico ele sempre estava no quintal organizando alguma coisa, o som era sempre o mesmo do piado dos pintinhos que corriam atrás das galinhas, e do fuçar dos porcos na lama dentro do chiqueiro.

Esse era o principal ofício do Vô Chico no Reisado e na família, garantir que todos estivessem de barriga cheia. Mesmo quando passou a morar na cidade, ele mantinha sua vazante bem cuidada, pedalava para o interior quase todos os dias, mas não deixava o costume de plantar e pescar. O que ele tirava de sua vazante também iria pra panela no dia da reza. Arroz, feijão, milho, batata doce, mandioca, melancias iam pro almoço, já as castanhas, gergelim e outras iguarias seriam leiloadas.



Tio Chiquin, Ronaldo, Loirin e Mauro Sousa no interior de Demerval Lobão | Foto: Sabrina Moraes



Joana Francisca de Sousa preparando almoço na localidade João Paulo durante brincadeira de Reis | Foto: Sabrina Moraes

Minha mãe, Joana Francisca de Sousa, lembra que aquele era um momento do ano muito esperado por toda a família, “A gente reencontrava muita gente que vinha só para o reisado”, explica enquanto divide a atenção entre pintar as unhas e responder às minhas perguntas. Ela cresceu entre a cozinha e a roça, mas por volta dos 9 anos de idade já cumpria a missão de fazer o almoço para a família. Toda a experiência adquirida ainda na infância viria a calhar quando precisou mais tarde coordenar a cozinha da festa de Reis e alimentar uma comunidade inteira como era a tradição no dia da Reza. “As pessoas que vinham conheciam o Reisado e sabiam que teria o almoço. Na hora que o almoço estava pronto soltávamos os foguetes para convidar o povo, é a tradição, né? Quando tem Reisado e soltam foguetes, o povo sabe que pode ir comer, que é liberado”, conta.

Chegavam tios, primos, irmãos, parentes distantes, vizinhos, uns traziam nas mãos vasilhas vazias, desciam os degraus da cozinha para encontrar pelo menos 8 mulheres, a mesa de madeira simples ganhava uma toalha de renda, as travessas de comida brigavam por espaço enquanto mais panelas ferviam no fogo. O espaço ficava apertado, umas mulheres iam servindo, outras lavando os pratos, um olho na panela e outro nos gatos. “Quero levar comida pra fulano”, era pra isso que traziam as vasilhas, todo mundo vinha comer e ainda queriam levar, e levavam. A comida era de lambar os beijos, o cheiro do leitão assado era o protagonista, mas para mim, a feijoada roubava a cena, com o tempero da minha mãe, muita carne e linguiça, esse era o prato que não sobrava nunca.

Joana Francisca é enfermeira, a única de seus irmãos a concluir o ensino superior. Apesar de gostar muito do que faz, ela descreve sua infância na roça como os momentos de maior felicidade, a vida na beira do rio, plantando e pescando era árdua, mas era mais simples, mais feliz. Suas primeiras lembranças do Reisado são ainda das festas do seu avô José Bezerra, o Bobô, “lam caminhões em caminhões de gente, no carro do Sr. Doca. Aí era a mesma coisa: a matança do bicho no dia anterior, picando a carne, fazendo aquele almoço no fogão à lenha nos tachões de panela preta. Eu lembro muito bem”, relembra.

Minha mãe me contou como cada um tinha seu papel e como eram essenciais para que tudo fluísse bem no dia de Reis. Sem comida não tinha festa. Começava com o jantar todas as noites na casa da Dona Antônia. “No dia que começava já tinha janta para todos. Eu sempre ajudei a mãe. Mesmo depois de casada, eu todo dia três horas da tarde eu vinha para fazer a janta. Todo dia, todas

as nove noites. Eu fazia a janta, eles jantavam e iam para o campo e eu ficava ajudando ali o pai e o Ranieri para lavar louça, e depois nós saímos para acompanhar eles”, explica Joana.

Na véspera do dia da Reza a movimentação era intensa. Os animais eram abatidos pelo meu avô Chico com a ajuda do tio Chiquim. “O pai já preparava logo os leitões do começo do ano para quando chegasse no dia 5 de janeiro, nós já estávamos com dois dois porcotes bom para gente matar no dia 5 à tarde e dar comida para todo mundo”, relembra tio Chiquim com a voz embargada pela saudade. Mais tarde, as tias, comadres e vizinhas vinham para ajudar a cortar a carne, processo que adentrava a madrugada entre conversas e desabafos. No dia da reza, os fogareiros de barro eram acesos junto com o raiar do sol, e as panelas chegavam emprestadas junto com a força de vontade das mulheres que ajudavam a preparar o almoço e assar as carnes para o leilão. Alguns homens também ajudavam a mexer os grandes tachos de comida.

Quando o sol baixava, mais ou menos às 17h do dia 06 de janeiro, começava a concentração para a procissão. Munidas com suas velas brancas, uma multidão de pessoas acompanhava o cortejo cantando e rezando pelas ruas do bairro humilde. Não havia distinção de idade, crianças, jovens e adultos participavam. Das portas das casas muitos se juntavam ao momento de fé à medida que a romaria passava. Por fim, retornavam à casa da Dona Antônia, na rua Frei Conrado ao lado da Ponte do Barroão. No pequeno puxadinho na frente da casa era montado um altar simples, uma mesinha de madeira, coberta com um pano branco, onde firmavam velas e colocavam a imagem de santos católicos e da Santa Cruz dos Milagres. O puxadinho ficava apertado com tanta gente, mas a maioria espalhava pelo meio da rua mesmo. Não tinha padre para essa celebração, as rezadeiras mais velhas da comunidade que puxavam a oração com muita propriedade. Terços na mão, cabelos brancos, umas de pé, outras sentadas, rezavam o terço e entoavam cantigas religiosas melancólicas daquelas que tem o poder de mexer com nosso emocional.

Passada a reza a ansiedade começava a crescer, só faltava o leilão e aí começaria a brincadeira. No leilão, eram ofertadas como jóias carnes de porco, bode, chouriço (embutido à base de sangue de porco), gergelim, doces, batatas, todas cobertas com um bonito papel celofane vermelho. Tudo que entrava no leilão era ofertado pela Dona Antônia e Seu Chico Porva e de doações da própria comunidade. Enquanto o gritador oferecia as jóias, os integrantes do reisado começavam a se preparar para a brincadeira.

Quando começava a cantoria e a grande roda se formava meu coração disparava. Muitas crianças, como eu, gostavam de acompanhar o Reisado, até brincavam com bichos improvisados com caixas de papelão. Outras como minha vizinha Camila tinham tanto medo dos caretas que se escondiam debaixo da cama. Independente da relação que tivessem com o Reisado, era impossível crescer em Demerval Lobão nos anos 2000 e não ter nenhuma lembrança da festa de Reis. Eis, que o gritador chamava a última jóia e a sanfona arrojava.

O povo começava a gritar e as crianças ficavam agitadas, a rua ficava lotada e os carros já não conseguiam mais passar. eOs primeiros a entrar eram os Caretas, com suas feias máscaras de couro, de frente pro altar improvisado cantavam e sapateavam, a primeira saudação era aos Santos e aos donos da casa. Logo entrava a Burrinha, dançando e dando coices na multidão enquanto os caretas tentavam prendê-la, esse número sempre arrancava gargalhadas de quem assistia. Logo depois era o momento em que as crianças pequenas e até adultos corriam com medo, a figura do Jaraguaia quase sempre surgia de surpresa assustando a multidão, com sua enorme mandíbula que faz um barulho oco quando abre e fecha.



Jaraguaia do Reisado de Dona Antônia durante brincadeira de Reis em comemoração ao aniversário de 75 anos da matriarca. | Foto: Sabrina Moraes

Ele sempre foi meu bicho favorito justamente pela sua figura assustadora, era divertido correr dele. E por último a brincadeira mais esperada, a do Boi. Quando o Boi entrava era o momento principal, as pessoas realmente gostavam de ver o boi dançar, geralmente nesse dia acontecia o ritual chamado matança do Boi que anunciava o fim da temporada.

Saudade

Muita coisa mudou. Meu avô Chico partiu em 2021. Minha avó não mora mais naquela casa no Mutirão. A comunidade não se reúne mais todo dia 6 de janeiro para festejar o dia de Reis. Dona Antônia não tem a mesma saúde de antes, agora prestes a completar 76 anos, os joelhos não aguentam mais virar a noite percorrendo a cidade levando a mensagem do Santos Reis. Apesar de considerar que a promessa já foi quitada com os santos, ela ainda gostaria que a família continuasse a tradição, “Eu me sinto tão revoltada, porque ninguém aceitou tirar o reisado. Ninguém. Só três noites que eu queria. Eu fico triste”, confessa.

A mesma saudade e melancolia que embarga a voz de Dona Antônia também aparece nas falas de Joana e Chiquim. Os filhos também sentem falta do Reisado. A ausência do pai e marido, Chico Porva, é sentida como um dos principais motivos da tradição não continuar da mesma forma que era antes. “Não tenho porco, não tenho galinha, não tenho nada, só o dinheiro do aposento, se o Chico fosse vivo aí era outra coisa, né?”, lamenta Dona Antônia com pesar.

A tristeza se repete na fala do filho Chiquim “Sinto muita falta, né? Dos tempos que meu velho pai tomava conta disso tudo. Mas é assim mesmo”, revela. A família é o elemento central da tradição. Com a partida do pai que cuidava da alimentação, da organização dos componentes, da manutenção dos bichos, o vazio foi tomando de conta. O luto é um sentimento profundo e as lembranças dos bons momentos vividos ao lado do pai ainda se fazem presentes. Para além das funções práticas que exercia, seu Chico Porva era um pilar de sustentação, o norte, a força. Ele e Dona Antônia eram os motores que mantinham viva a tradição.

Os mais velhos envelheceram ao ponto de não aguentarem mais virar a noite dançando, cantando, tratando a carne, cozinhando, e prepreparando as jóias do leilão. Os mais jovens trabalham muito e não aguentam o “rojão” de levantar cedo e virar a noite na brincadeira preparando as jóias do leilão. Os mais jovens trabalham muito e não aguentam o “rojão” de levantar cedo e virar a noite na brincadeira. A relação com a fé também é diferente, as rezadeiras partiram.

“ Se o Chico fosse vivo aí era outra coisa, né? ”

— Dona Antônia



Reisado de José Bezerra Lima | Foto: Acervo Pessoal



Careta Xexéu e Burrinha durante brincadeira de Reis em comemoração ao aniversário de 75 anos de Dona Antônia. | Foto: Sabrina Moraes

Hoje a família não tira mais o Reisado. A peregrinação de nove noites ficou nas lembranças de cada um, inclusive nas minhas. Os bichos ainda estão todos guardados na casa da Vó Toinha, mas não estão aposentados, volta e meia tio Chiquim empresta o boi ou a sanfona para alguém brincar Reisado. Uma ou duas vezes por ano os amigos se reúnem e fazem uma brincadeira para matar a saudade. “A gente combina, né, um dia, diz: Ah, vamos fazer uma brincadeira, tal dia. Aí a gente já convida os amigos que brincam, que gostam de brincar e convida outras pessoas para vir assistir, né? É bom. É bom demais. Tipo, no mês de junho, né, que é período de festa junina, é uma data boa. E também em dezembro, né? E no dia 6 também é muito bom. Ave Maria, sempre quando tem que os menino marca por aí que a gente brinca, eu acho bom demais”, conta Chiquim.

Não há mais brincadeira em Dezembro, mas há esperança de que a história do Reisado da Vó Toinha continue, de que o costume não morra, ainda que os bichos ganhem vida somente uma vez por ano. A tradição ainda vive nas histórias da Dona Antônia, nas lembranças, neste texto jornalístico, nos vídeos gravados e nas pesquisas escritas. Quem sabe a nova geração da família Bezerra Lima ainda queira brincar o Reisado, “Agora eu já tô botando o Levisão para cantar. Ele sabe brincar no boi, no Jaraguaia e já sabe cantar. O bicho é desenrolado, viu? Diz que é Careta. Aqui gosta de Reisado, viu? Toda hora que a gente liga a TV já é dizendo para botar um Reisado”, tio Chiquim fala com entusiasmo do seu filho de três anos que já aprendeu a sapatear. **Há esperança.**

CONTEÚDO EXTRA



Assista a tradicional cantiga dos Santos Reis apresentada pelos componentes do reisado da Dona Toinha e Seu Chico Porva de Demerval Lobão.

Invisibilizadas: mulheres resistem e enfrentam desafios nos bastidores da cultura no Piauí

Eduardo Cunha

Imagine um palco com as luzes apagadas. Na penumbra, também permanecem as histórias e os trabalhos de muitas mulheres que atuam na cultura e que, frequentemente, têm suas contribuições invisibilizadas. Elas estão presentes nas etapas de planejamento, logística, criação e técnica, mas nem sempre suas vozes são reconhecidas ou recebem a devida salva de palmas. Seja na música, nas artes visuais ou no teatro, são mulheres que movimentam os bastidores e sustentam a cena cultural, muitas vezes sem o reconhecimento proporcional à sua importância.

A produção cultural é um ambiente que ainda segue dominado por homens e por uma estrutura patriarcal que prejudica a participação e o reconhecimento de muitas mulheres no setor. Esse espaço, que deveria ser de estímulo à criatividade, jogos de palavras e acordes musicais, simplesmente some inebriado pela masculinidade e seus derivados. Mesmo diante de tantos obstáculos, no entanto, existem mulheres que resistem.

Escolher personagens que representassem fielmente a resistência, a dedicação e a paixão pela cultura não foi uma tarefa simples. Ainda assim, foram selecionadas profissionais que, em suas respectivas áreas de atuação, se destacam pela excelência e pelo compromisso com o fazer cultural. Individualmente, suas trajetórias já são inspiradoras; juntas, elas constroem uma poderosa mensagem sobre a importância de valorizar o trabalho das mulheres que mantêm a cultura viva e em constante movimento.

Filha de Evas

Entre acordes musicais e pincéis de pintura, conhecemos Bruna Oliveira, uma artista que encontrou nas Artes Visuais muito mais do que uma área de formação: descobriu novas possibilidades para expressar sua criatividade. Foi a partir de seu ingresso no curso de Artes Visuais em 2018 que ela também passou a apostar na música como caminho artístico e profissional. E ocupa os palcos como baixista da banda Cidade Devastada, conciliando diferentes linguagens artísticas.

“Desde 2019, eu atuei nos bastidores das artes visuais e da música, construindo caminho para que a minha arte aconteça. Mas só a partir de 2024 começou a trabalhar diretamente com música, e apesar do curto tempo, consegui ter contato com muitas pessoas e bandas massas,” destaca a artista que escolheu a música como uma forma de produzir cultura no cenário teresinense.

Mesmo diante dos inúmeros questionamentos sobre a escolha da música como caminho, a resposta de Bruna Oliveira sempre esteve em suas bases musicais. São elas que a sustentam nos momentos de incerteza e reafirmam sua paixão pela arte.

Essa base sólida se materializou em projetos marcantes. “Uma de minhas experiências mais marcantes foi fazer parte da banda de covers Woman Factor, formada exclusivamente por mulheres e dedicada à interpretação de clássicos do rock e do pop internacio-



Baixista Bruna Oliveira durante show de música. | Foto: Mariana Medeiros

nal. O grupo era composto por Fabrícia Di Paula, Bruna Brava, Sorane Costa e eu”, relembra a instrumentista ao ser questionada sobre suas inspirações dentro do universo musical. Afinal, todos nós possuímos referências que moldam nossas trajetórias, e com Bruna não seria diferente.

Contudo, trilhar esse caminho exige encarar de frente a realidade do mercado. O cenário musical sempre foi marcado pela diversidade de gostos e afinidades. No entanto, quando se trata da presença feminina na música, ainda nos deparamos com um velho dilema: muitas bandas continuam oferecendo poucas oportunidades para elas. Essa realidade acaba afastando meninas que sonham em seguir uma carreira musical, tornando a participa-

ção feminina em bandas algo que, muitas vezes, ainda é tratado como exceção, e não como regra.

Bruna remete sua atuação a um trabalho contínuo, construído por meio de articulações e diálogos que se iniciam muito antes da chegada ao público. “A presença feminina nos espaços de decisão continua sendo menor, e o reconhecimento profissional muitas vezes demora a chegar”, relata a baixista ao lembrar sua trajetória como produtora cultural. Para ela, mais do que oportunidades de trabalho, também é importante a garantia de que terão vez e voz para tomar as decisões, porque somente dizer que tem uma mulher não significa que ela está sendo escutada.

Ao longo dos anos, Bruna vivenciou de perto as dificuldades e as conquistas que marcam a produção cultural no estado, reafirmando a importância da participação feminina na construção e no fortalecimento da cena artística piauiense. Esse percurso, cercado por apoio e trocas constantes, revelou a ela a força das redes femininas dentro da arte, redes que sustentam, encorajam e abrem caminhos onde antes havia isolamento.

Silenciamento sutil

Essa mesma busca por espaço e fortalecimento ecoa na trajetória de outras artistas locais. E ali, na coxia do palco, entre as cortinas, encontramos a atriz Maria Clara Fernandes, que divide seus dias entre a atuação e a produção de peças teatrais. Ela sustenta inúmeras atribuições com muito orgulho como produtora, maquiadora, diretora e gestora. Pois, entre os ensaios, os testes de iluminação e a correria das trocas de figurino, ela se faz presente e transita por diferentes funções sem perder o ritmo nem a sensibilidade que a arte exige. Inclusive, essa versatilidade lhe proporcionou o prêmio de melhor atriz revelação em 2023.

“Comecei no palco como atriz, mas foi na rotina do meu grupo de teatro que descobri os bastidores. Ajudando na construção dos projetos, passei a ser vista e convidada para produzir por outras pessoas. Foi assim que migrei naturalmente para a produção cultural, sem deixar de lado minha essência artística”, relata ela ao lembrar o início de sua trajetória.

Esse momento carrega muitos significados na trajetória de quem começa nos palcos. É um período de autodescoberta sobre as próprias habilidades e capacidades, algo que o meio teatral proporciona para aqueles que possuem um olhar curioso sobre como os mecanismos funcionam e como acontecem os bastidores das peças. E assim, reforça a importância de dar visibilidade para as profissionais mulheres que trabalham no off do off dos bastidores.

“Eu não apareço mais apenas diante do público, mas como quem constrói as condições para que a arte aconteça. Muitas vezes, precisamos nos posicionar o dobro para sermos ouvidas”, reflete a artista, evidenciando que os desafios nos bastidores das artes cênicas partilham das mesmas dores do cenário musical.

A atriz conta sobre as inúmeras vezes em que as profissionais da cultura passam por um silenciamento sutil, no qual as mulheres que ocupam cargos de liderança não são escutadas, seja por falta de espaço ou por falta de validação de sua capacidade. Isso reflete como os ambientes de tomada de decisão ainda não estão preparados para mulheres convictas de suas posições. “São pequenas violências cotidianas. Estão nas interrupções constantes durante reuniões, na desconfiança diante de uma decisão que tomo e na resistência em reconhecer mulheres em posições estratégicas”, desabafa a artista. Diante disso, ela aprendeu que a produção cultural exige muito mais do que criatividade: demanda resiliência.



Atriz Maria Clara Fernandes nos bastidores do espetáculo “Três Amigos é Uma Estrela” | Foto: Acervo pessoal

Em um cenário marcado pela instabilidade financeira e pela disputa constante por recursos, muitas propostas deixam de sair do papel antes mesmo de serem apresentadas. “Muitas ideias criativas e relevantes ficam pelo caminho por falta de investimento ou credibilidade. Em um mercado já fragilizado, a desigualdade de gênero amplia ainda mais os obstáculos”, reforça a artista, que reivindica uma presença mais justa e ativa de mulheres na gestão e produção cultural.

Ainda assim, ela e muitas outras permanecem. Afinal, cada projeto realizado representa mais do que uma produção concluída: significa a conquista de espaços que, por direito, pertencem a elas.

Assédio não é entretenimento

E entre um setlist e outro, encontramos Milena dos Anjos. Nascida na divisa do Piauí com o Maranhão, a jovem encontrou na mixagem de músicas uma forma de expressar sua identidade como mulher negra, além de uma fonte de renda que auxilia na sua formação em Nutrição. Quando assume o comando do setup, sai de cena a estudante e entra a DJ Millis, promovendo uma imersão sonora que leva diferentes hits para comemorações e happy hours, uma seleção musical cuidadosamente construída para os amantes de música boa. “Minha trajetória na produção cultural começou dentro da militância estudantil, quando entrei na universidade. Foi lá que comecei a participar de coletivos e centros acadêmicos, organizando desde debates e mobilizações até eventos culturais voltados, principalmente, para a comunidade negra. Foi nesse espaço que ganhei experiência em gestão, entendendo na prática como a cultura movimenta, acolhe, fortalece espaços e cria oportunidades”, conta a DJ, lembrando o início de sua carreira.



DJ Millis durante Baile de Quebradinha | Foto: Simbad Bastos

Entre as duas cidades que dividem sua rotina, existem muitas histórias marcadas pela persistência entre o trabalho e os estudos. Hoje, a DJ circula entre bares, festas e eventos privados, criando experiências sonoras pautadas na diversidade musical e no desejo de levar alegria aos ambientes. Ao longo do percurso, no entanto, enfrentou questionamentos sobre sua capacidade, disparidades salariais e barreiras no acesso a oportunidades. “Existem muitos desafios e poucas oportunidades. Ser mulher no meio cultural já é difícil, e sendo uma mulher negra isso pesa ainda mais. Muitas vezes precisamos provar nossa capacidade o tempo todo, enquanto homens conseguem reconhecimento e espaço com muito menos esforço ou preparo”, desabafa a profissional, que busca mais igualdade e respeito no mercado.

A vulnerabilidade do setor também se manifesta de formas mais graves. Millis recorda um episódio violento em que foi assediada por um contratante dentro de um espaço que deveria ser seguro e profissional. “Isso me fez questionar muito se realmente valia a pena continuar nesse meio e me submeter a esse tipo de situação. Foi um momento de muita revolta e insegurança, porque além da violência, ainda existe o medo de falar sobre isso e acabar perdendo oportunidades.” O relato da artista atravessa a experiência de diversas profissionais da cultura e evidencia uma urgência: a transformação dos bastidores em ambientes de trabalho genuinamente seguros.

Episódios como esse são mais recorrentes do que conseguimos imaginar. A mudança de mentalidade nesses ambientes começa

com a promoção de um espaço mais acessível e justo para as mulheres, principalmente negras e periféricas que atuam na produção cultural, além do reforço necessário em investimentos estruturais, formação e orientação para o setor.

Mais oportunidades, menos desvalorização

A busca por essa valorização e por caminhos mais justos no mercado também se reflete no olhar de quem registra a cena cultural por trás das lentes. E, assim, contamos com uma dupla que, embora não seja sertaneja, atua em perfeita sintonia. Blue começou a se interessar pela fotografia por influência da amiga Marjorie, que já nutria paixão pela prática por meio da gravação e edição de vídeos. Ambas são estudantes do curso de Artes Visuais, uma área que dialoga diretamente com as lentes, exigindo precisão, sensibilidade e um olhar atento aos movimentos e expressões corporais de quem é capturado. Unidas pela amizade e pela paixão visual, elas resolveram fundar o Studio Jorluee, focado no registro de eventos e manifestações culturais.

Entre os relatos das duas sócias, é possível perceber nuances distintas sobre a inserção nesse mercado. Blue reconhece que a fotografia entrou em sua vida graças ao pai, que trabalha nos bastidores com suporte de iluminação, som e palco. “Nosso primeiro trabalho real foi resultado da indicação dele. Começamos a fotografar no projeto Boca da Noite, que acontece ao lado do The



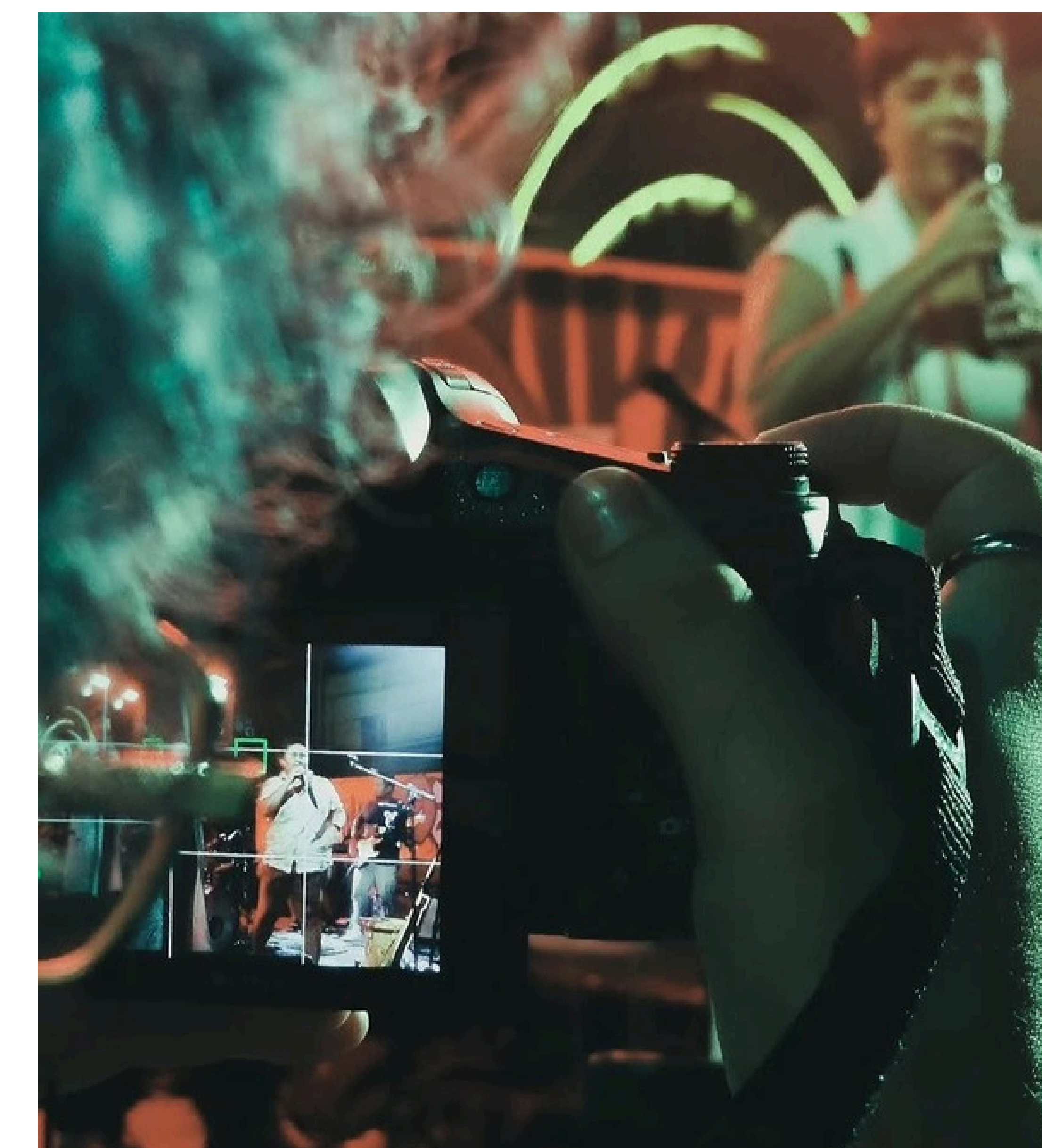
Evento “Cultura na Praça” realizada em Teresina. | Foto: Jorluee STUDIO

atro 4 de Setembro, um evento gratuito onde diversos artistas locais se apresentam”, lembra a fotógrafa. Já para Marjorie, a relação com o ofício surgiu de uma dúvida muito comum entre jovens profissionais: “Como é que eu vou trabalhar com arte?”. O hábito de registrar e editar o cotidiano já era natural. “Hoje, minha relação com a cultura se dá totalmente através do meu trabalho. Cubro muitos eventos e isso me permite conhecer artistas daqui do Piauí, mergulhando mais fundo nas nuances da nossa identidade. Meu papel é esse: registrar a cultura que vivencio nesses espaços”, ressalta.

Entre os muitos desafios para quem resolve empreender no setor cultural, estão a valorização do trabalho exercido e o reconhecimento financeiro pelos serviços prestados. Quando um contratante subestima os profissionais que estão no mercado, a tendência é que o setor como um todo sofra uma retração nas ofertas de trabalho. Essa realidade se agrava quando o recorte é de gênero: nos bastidores, a desvalorização frequentemente se converte em exclusão para as mulheres.

“Negativamente, tem a questão das oportunidades que são um pouco difíceis de conseguir. Creio que, como o pessoal que formula eventos culturais é muito nichado, fica difícil abrir espaço para mais gente, inclusive para as mulheres que fazem parte dos bastidores das produções de foto e vídeo”, destaca Blue sobre o cenário atual para as profissionais. Apesar das barreiras, o trabalho em dupla permite que o peso de cada cobertura seja dividido igualmente entre as sócias do Studio Jorluee. O ponto de vista das fotógrafas reforçam que a persistência na arte é capaz de transformar os obstáculos em realizações que alimentam a alma de boas expectativas.

Jorluee cobrindo o evento cultural “Boca da Noite no espaço Osório Júnior em Teresina | Foto : Jorluee Studio



CCC:o espaço onde a cena alternativa de Teresina acontece

Breno Campos

No centro de Teresina, entre prédios antigos, ruas que esvaziam à noite e uma tentativa constante de revitalização, existe um imóvel de dois andares que segue na contramão do circuito cultural mais comercial da cidade. O Centro Cultural do Centro (CCC) não surgiu como uma casa de shows tradicional. Sua proposta, desde o início, foi outra.

Ao entrar, encontra-se um espaço maior do que a fachada sugere. Algumas salas trancadas preenchem o local. O salão de eventos fica dentro de um cômodo amplo e climatizado, o que muda a experiência em uma cidade onde o calor afeta a todos. A fila que se forma em direção ao espaço de bebidas, menor e mais estreito, é composta por pessoas de estilo mais alternativo, que carregam nas roupas, nos cabelos e nos calçados uma relação diferente com a cidade e com a cultura que ela produz.

Essa atmosfera tem origem em uma decisão pensada. Enquanto acompanha atentamente o que se passa nos corredores, o idealizador do espaço, Sérgio Matos, conta que o CCC nasceu da ideia de criar um lugar de arte e cultura fora do eixo comercial, funcionando como base para artistas independentes. Diferente de outros espaços, não há um processo de curadoria formal e qualquer artista pode marcar pauta. Com o tempo, de forma espontânea, o local foi construindo um perfil voltado para artistas locais, arte urbana, periférica e também política.

"Acho que é uma opção a mais de um equipamento cultural acessível e disponível para os artistas. Em relação à lógica financeira, repassamos toda a bilheteria para os produtores e artistas que se apresentam aqui, cobrando apenas uma taxa administrativa para cobrir custos de limpeza e segurança dos eventos", destaca Sérgio.

O modelo, no entanto, não é fácil de manter. Para o dono do lugar, o principal desafio é equilibrar uma programação não comercial com os custos de manutenção do espaço e da equipe. Ele argumenta que esse equilíbrio é desajustado por uma questão estrutural que envolve a ausência de transporte público noturno para o centro da cidade, o que afasta a parte do público que reside em zonas distantes.

Apesar dos desafios, o espaço segue em expansão. A proposta é estender os horários para além da noite, com planos de oficinas, aulas, gravações de áudio e audiovisual e uma futura web rádio. Por enquanto, as salas trancadas que se viam na entrada revelam, ao serem abertas, a loja de vinil Vapor Barato, os estúdios de tatuagem Ray Tattoo e Meia Noite Tattoo, um estúdio fotográfico, o ateliê de grafite de Arthur Doomer, um ponto de alimentação vegana, a sede do Bloco de Carnaval Tan Dan Dan e uma sala que guarda o acervo do Balé da Cidade de Teresina.

Artistas e público

Para quem vive a cena artística local, a estrutura faz diferença. No palco montado no salão climatizado, o artista Paulo Hard comenta um pouco da experiência vivida. "Em 2025, fui chamado por um amigo, Jovem Snake, que também é rapper, para a UnderFEST, que acontece no CCC. Desde então, cheguei a me apresentar mais 3 vezes e, em uma delas foi o evento de lançamen



Centro Cultural do Centro | Foto: Bárbara Farias

to do clipe de 'Razões', junto com os artistas Original P3dro e Mattza, durante um evento criado por nós mesmos. As apresentações acontecem da melhor maneira. É muito interessante a estrutura, a acústica. Além disso, ainda tem a questão de poder reunir nossos amigos e públicos em um único local."

Entre os ajustes de som e retorno, PH, como costuma ser chamado, destaca sobretudo a dinâmica que o espaço permite. Para ele, em uma cidade onde o hip-hop ainda enfrenta falta de visibilidade e há carência de contratantes, lugares como esse se tornam estratégicos para a criação de eventos independentes. Por isso, nas palavras do próprio rapper, o CCC passou a ser visto por muitos artistas independentes como uma espécie de "casa dos artistas undergrounds".

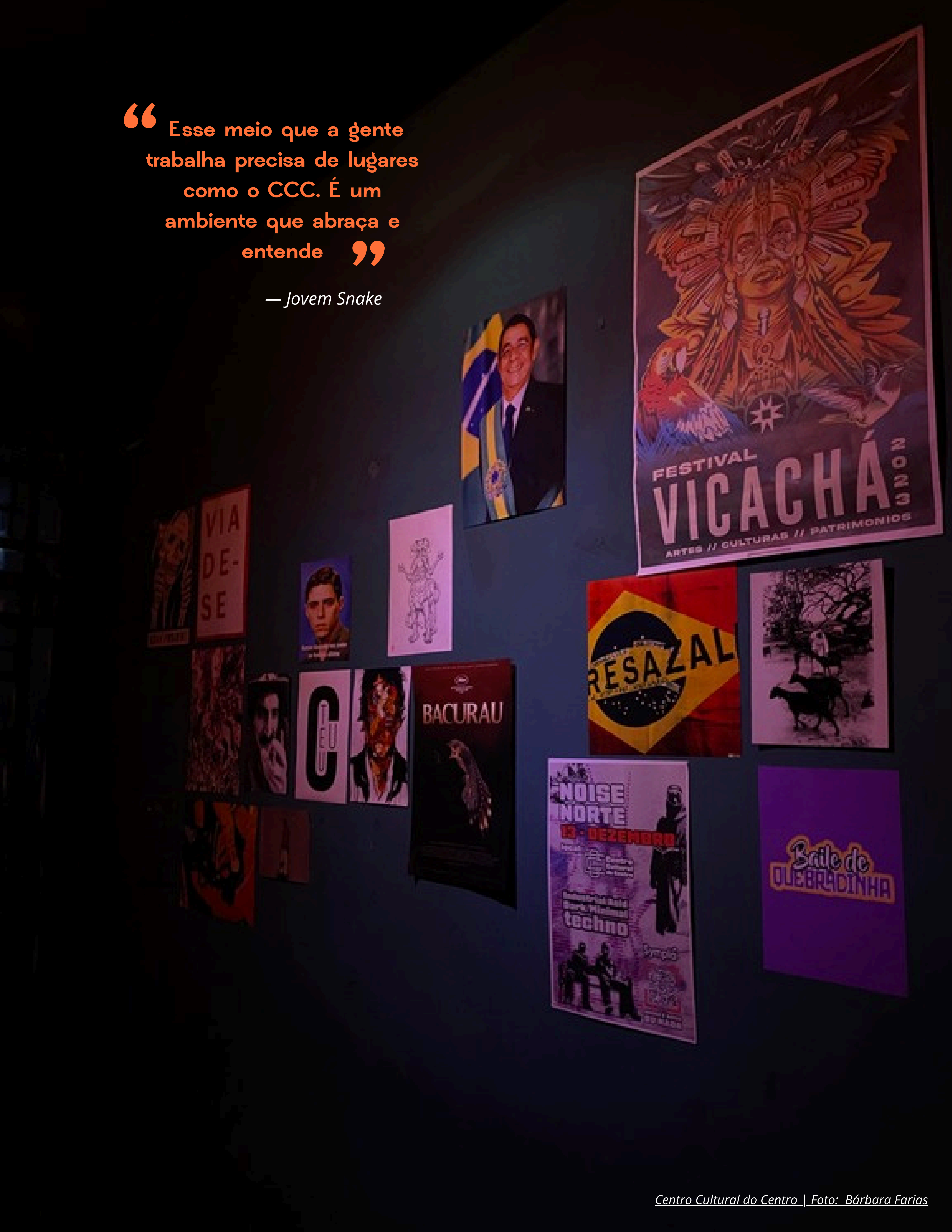
Essa percepção se confirma na visão de outros que ajudam a construir a vibe do lugar. Jovem Snake, rapper e organizador da Underfest, lembra de quando apresentou a ideia pela primeira vez, encontrando receptividade imediata. "Ele [o dono] entendeu como um projeto novo que ia estar abraçando a cena independente [...] No início, não estava tão em alta a ideia de revitalizar o Centro, então era algo ainda muito nichado. Mas foram experiências ótimas e, até o momento, a gente sempre faz eventos lá. Sempre lota. As pessoas passam um feedback bem daora. Nos sentimos acolhidos no espaço", relata. De acordo com Snake, o que sustenta tudo isso é o acolhimento do espaço. "Esse meio que a gente trabalha precisa de lugares como o CCC. É um ambiente que abraça e entende".

Do lado de fora do palco, e já no meio da pista, a publicitária Luana Oliveira espera o início das apresentações. Ela afirma que começou a ir ao CCC justamente pelas propostas alternativas, diferentes do que normalmente se encontra na capital. "Acredito que eles facilitem e deem muita oportunidade aos artistas, pois vejo que é acessível para que consigam cantar ou tocar lá. O espaço deixa eles livres para se expressar e se apresentar de acordo com o que desejam. É uma experiência para se ter pelo menos uma vez", resume.

Passa das quatro horas quando o local começa a dar sinais de que irá fechar. Perto da entrada, que também funciona como saída, as mesmas roupas e os mesmos calçados que marcaram o começo da noite agora seguem em pequenos grupos para a calçada.

“Esse meio que a gente trabalha precisa de lugares como o CCC. É um ambiente que abraça e entende”

— Jovem Snake



Centro Cultural do Centro | Foto: Bárbara Farias

Sabor do Centro da Cidade que já foi verde

Sabrina Moraes

Teresina está passando por um período de transição do tempo chuvoso e ameno para a época mais seca e com temperaturas elevadas. Há dias que faz sol, mas volta e meia a chuva nos agracia. Naquela segunda-feira, assim que saí da Rádio UFPI, indo em direção a sala de aula, notei as nuvens escuras se aproximando no horizonte. Uma leve preocupação se instalou em meus pensamentos, afinal teríamos uma aula de campo no centro da cidade.

Nossa equipe de jornalistas em formação era composta por 4 pessoas, dois homens e duas mulheres, além da professora Ana Regina Rêgo. Breno, Eduardo, Isabelly e eu somos praticamente os únicos sobreviventes da disciplina de Jornalismo Cultural da Universidade Federal do Piauí deste período, o Isaías também sobreviveu, mas não pôde nos acompanhar naquela tarde. Uma das vantagens de ser um grupo pequeno, é poder ter trocas mais estreitas entre nós. Em pouco tempo a pequena turma estava reunida na sala esperando a chegada da professora, levantamos questões sobre o tempo fechado, mas independente disso seguimos nosso caminho.

De carona no carro da professora, pegamos um trânsito leve e em 20 minutos chegamos ao centro da cidade. O tempo estava ensolarado, mas com algumas nuvens. Estacionamos o carro num dos ambientes mais clássicos da paisagem central, as paredes amarelas e chão coberto de brita roubam o lugar dos prédios históricos, os estacionamentos estão por toda parte, sugerindo de forma sutil que os carros são os protagonistas da cidade.

Convenientemente, o estacionamento ficava em frente a nossa primeira parada, o mais novo centro de compras da cidade, o “Shopping da Praça”, assim batizado pela proximidade com a histórica Praça Pedro II. Era por volta das 14:30h da tarde. Paramos por um instante em frente ao prédio verde e branco, observando a instalação, debatemos um pouco sobre a sua história e que outros estabelecimentos ele recebera antes. É um prédio robusto, localizado no meio do quarteirão, com dois andares e saídas para as ruas Teodoro Pacheco, Paissandú, e em breve para a Rua 13 de Maio, de frente para a praça e outros prédios históricos.

A atmosfera do shopping era comum, muitos produtos expostos, roupas, calçados, maquiagens, acessórios e eletrônicos dominavam as vitrines. O ambiente beirava o agradável por ser climatizado, coisa que o Teresinense valoriza, afinal o Centro é muito quente. Os artigos não impressionaram, mais do mesmo, tudo que encontramos em outras lojas do centro, assim como as fachadas e tonalidades usadas nas identidades visuais que seguem um padrão. Era um outro shopping do camelô, com uma estética mais clean. O exercício era trabalhar o olhar e encontrar histórias, mas nossa passagem por ali decepcionou. Deixamos de lado o novo e fomos em busca do atemporal. Saímos pela rua Teodoro Pacheco, as calçadas estavam molhadas, a chuva passou, sobraram somente seus rastros. O calor característico dava uma trégua, o tempo estava favorável e nossa caminhada seria longa, só não sabíamos ainda que não seria somente o tempo que estaria fechado. Enquanto andávamos pela rua Barroso em direção a nossa segunda parada, o Museu da Imagem e do Som (MIS), notamos o contraste entre o novo e o velho.



Avenida Frei Serafim, Centro de Teresina. | Foto: Sabrina Moraes

“Pelo menos desta vez as calçadas estão melhores, ano passado quando eu trouxe minha outra turma quase não conseguimos andar”.

A professora Ana Regina costuma levar os alunos para aulas de campo. Geralmente as turmas são um pouco maiores. Ela estava disposta, deixou o carro de lado e caminhou conosco, contava saudosa algumas histórias sobre um Centro que outrora fervia.

Na paisagem, muitos carros, pouca gente. Calçadas e ruas reformadas e lojas novas contrastavam com fachadas antigas, rachadas, com pintura desbotada e o verde do lodo assumindo a cor; prédios históricos fechados e muitos pontos comerciais abandonados traziam um ar de descaso.

Depois da Rua Climatizada, chegamos ao MIS, que recebeu o nome do poeta piauiense Torquato Neto, ele foi inaugurado em 2024, na antiga sede da Câmara Municipal de Teresina. O prédio foi reformado e agora abriga um centro cultural com exposições de arte, salas de exibição de filmes, pinacoteca, salas para edição de vídeo, gravação de som, biblioteca e até uma cafeteria, mas naquela segunda-feira à tarde, chegamos à recepção para descobrir que o prédio estava aberto, mas não para visitação.

Em busca da pauta, continuamos em direção à Praça Marechal Deodoro da Fonseca, a famosa Praça da Bandeira, um dos marcos iniciais da fundação da Teresina planejada. Encontramos um centro morno, meio vazio para um começo de semana, as lojas estavam funcionando, mas o público aparentemente não compareceu. Pretendíamos visitar o Museu do Piauí, localizado num antigo casarão com mais de 166 anos, que abriga desde 1980 um acervo com artefatos pré-históricos, além de obras de arte, mobílias e fotografias que retratam a história do estado. Estávamos andando sem roteiro pré-definido, apenas tentando nossas chances, e demos de cara com a porta fechada, novamente. A entrada do museu estava bloqueada por placas metálicas, e os materiais de construção que se espalhavam sugeriam que o espaço estava fechado, aparentemente passando por reforma.

Muito se fala sobre como o piauiense desconhece sua história, não valoriza sua cultura, alguns dizem que sofremos até com baixa autoestima. Naquela aula de campo, estávamos treinando o olhar para falar sobre cultura. Os equipamentos culturais do governo e da prefeitura que estavam fechados não deveriam necessariamente ser o enfoque central da

Dra. Lúcia do Pau no Mercado Central | Foto: Ana Regina Rêgo



uta, mas o fato de encontrarmos os principais pontos inacessíveis chamou a atenção.

O próprio Centro de Teresina como sabemos passa por um processo de esvaziamento e abandono. O tema começou a ser discutido com mais frequência nos últimos anos, assim reformas na pavimentação das ruas, reparos em prédios históricos, reocupação de praças e propostas de construção de espaços culturais noturnos foram estratégias adotadas tanto pelo poder público como por particulares para retomar o fluxo pulsante do coração da capital. Se depender do que observamos daquela segunda-feira com temperaturas amenas, esse coração pode parar de bater a qualquer momento.

Duas ruas depois do Museu fica o Mercado Central, um prédio histórico que passou por inúmeras reformas e passava por mais outra, ele é como a veia mais importante do centro, não poderia ser interrompida. De um lado tem o artesanato com palha de coco, barro e inúmeras peças características do Piauí, do outro lado temos as frutas, os temperos e claro as ervas medicinais. Nesse contexto, a professora encontrou a Dra. Lucia do Pau, uma senhora intrigante com quem conversou por alguns minutos.

A Dra. Lúcia nos mostrava orgulhosa sua caderneta de clientes com muitos pedidos da garrafada milagrosa. Raizeira de profissão, ela nos contou sua forma de trabalho e garantiu que a fama atravessou fronteiras não é atoa. A conversa rendeu e até a professora encomendou uma garrafada.

Depois de conhecer Dra. Lúcia, fomos ao Arquivo Público do Estado do Piauí, localizado na Praça Rio Branco. Nele estão conservados documentos que remontam aos períodos mais antigos de que se tem registro, documentos públicos, jornais, revistas, fotos e outros materiais que servem de fonte de pesquisa para muitos estudiosos que insistem em manter viva a história reconstruindo narrativas através desses importantes fragmentos. “Tem museu, bibliotecas que entram em reforma e fecham. Aqui o governo não quer que a gente pare, então o que a gente faz é atender naquela minúscula sala quatro pesquisadores, dois de manhã e dois à tarde”.

A diretora do Arquivo Rosângela Maria de Carvalho nos recebeu em sua sala para contar um pouco de como tem funcionado o acesso ao acervo nesse momento delicado. Em sua fala a diretora parecia apreensiva com os desdobramentos necessários para que a reforma do prédio ocorra.

O prédio que abriga o Arquivo Público do Estado do Piauí é mais um dos casarões antigos que compõem a paisagem do centro e como todos os outros, sem uma reforma ele não vai sobreviver. As salas de cima estão vazias, os livros estão todos abarrotados em estantes no térreo, os arquivos estão lacrados em pacotes de papel madeira, lutando para sobreviver. O teto precisa ser substituído, pois com o período chuvoso as goteiras se mostraram as maiores inimigas da preservação da história do estado.

“É uma realidade que dói, mas é a nossa realidade. Tentamos fazer o máximo que podemos para que o pesquisador não saia prejudicado”.

O acervo estava mais ou menos como o céu de Teresina naquela tarde, aberto, mas com algumas nuvens. O acervo funciona, mas com ressalvas. É um lugar agradável de visitar, a arquitetura preserva o estilo original do casarão, logo no hall de entrada duas escadas formam um arco e nos convidam para o andar de cima, no chão o ladrilho forma o nome do Arquivo. As paredes brancas são decoradas com mapas, fotografias e outros artefatos históricos do Piauí.



Turma de Jornalismo Cultural 2026.1 no Arquivo Público do Piauí. Ao Centro a diretora do Arquivo Rosângela Carvalho. | Foto: Arquivo pessoal

À esquerda a professora Ana Regina e à direita Rosângela Carvalho diretora do arquivo | Foto: Sabrina Moraes



“Em São Luís, durante a reforma do Arquivo eles precisaram colocar os materiais em containeres de ferro”.

Rosângela nos explicava apreensiva, era perceptível o amor que ela tem pelo acervo do Arquivo, em sua posição como gestora ela temia que decisões que precisassem ser tomadas pudessem impactar a integridade dos materiais. A situação do acervo é delicada nem tudo está disponível os pesquisadores por enquanto, muitos materiais precisam ser restaurados, mas no momento aguardam transferência, pois o casarão vai iniciar em breve uma reforma e tudo precisa ser armazenado com cuidado.

Nosso passeio chegou ao fim da forma mais teresinense possível com um pastel e caldo de cana numa lanchonete de esquina. Ah, mas o gosto da cana tinha o mesmo sabor de dar de cara com uma porta de museu fechada. Caldo de cana aguado e sem sabor. Era a mesma sensação que tive ao visitar o Centro. Sentados naquela mesa refletimos sobre aquela tarde, conseguimos olhar para outros aspectos daquele lugar, ainda que não exista da mesma forma que há 10,20,30 anos, ainda tem suas histórias, ainda tem seus personagens que lutam para sobreviver junto ao lugar. Ainda há uma Dra. Lúcia que prefere vender suas garrafadas no mercado, uma Rosângela guardiã do arquivo público, um dono de lanchonete que insiste em vender caldo de cana.



Praça dos Orixás

Isabelle Pedrosa

Antes de visitar a Praça dos Orixás, li matérias sobre o espaço e conversei com moradores antigos de Teresina. Eu, habitante da terra do sol somente há dois anos, nunca havia ouvido nada sobre o local. Curiosa pelo assunto, e dividida pelas falas controversas acerca da Praça, me debrucei a fazer pesquisas sobre ela. De antemão, fui à Zona Norte da cidade conversar com a mãe Lúcia de Iansã, ativista e responsável por manter o Memorial Casa Maria Sueli de pés. Recebida de braços abertos por ela, andei pelos cômodos do Museu, lugar também nunca visitado por mim. Andei pelos corredores e observei os quadros nas paredes que homenageiam figuras importantes, as imagens dos orixás, e uma parte feita para homenagear Maria Sueli Rodrigues de Sousa. Também reparei em quadros com os escritos “Lagoas do Norte para quem?”, e “Onde há cultura a violência vira espetáculo”. Não deixei de notar também, os elementos que expressavam a cultura da religião católica, evidenciando o sincretismo religioso do local. Quando eu e Lúcia começamos a conversar, estávamos sentadas em uma salinha destinada a ser utilizada pelas crianças. Ocupadas pelas pinturas, as paredes comunicavam algo, mesmo que não pudessem falar.

Inaugurada em 2017, debaixo do sol quente teresinense, a Praça dos Orixás foi construída com o discurso de valorização das religiões de matriz africana através do projeto originário do Programa Lagoas do Norte (PLN), política da Prefeitura Municipal de Teresina (PMT), com financiamento do Banco Mundial. Para os

olhos dos líderes políticos e seus aliados, a construção do espaço se constituía como uma maneira de valorizar a população local. No entanto, para as mães e os pais de santos, o projeto se ergueu como uma maquiagem para mascarar as tentativas de gentrificação da comunidade. Nascido em 2008, o Programa Lagoas do Norte teceu os 13 bairros que desenham o norte da capital do sol, que compõem uma região denominada Lagoas do Norte. O programa foi veiculado pela mídia, e, pela própria prefeitura, como um sopro de renovação: um projeto de intervenções sociais, econômicas e ambientais que teriam o objetivo de revitalizar os bairros da região norte teresinense, território que carrega de maneira expressiva a religiosidade de matrizes africanas tendo um grande número de terreiros. Entre as curvas dos rios Poti e Parnaíba, as águas testemunharam na década de 1930, o nascimento do primeirocentro religioso da zona, transformando o espaço em um núcleo de pulsação de tambores e preces das religiões de matrizes africanas. O que começou há quase um século, ainda se faz presente nas entranhas norte-teresinense. Com o avanço das intervenções urbanísticas e das reformas promovidas pela prefeitura, o local é visto como uma estratégia de apagamento identitário dos moradores da região e são interpretadas pela comunidade como estratégias de expulsão simbólica e territorial. Para os moradores, cada tijolo e estátua erguida simboliza uma estratégia de despejo silencioso da história da comunidade. “Ela foi erguida de cima para baixo, não reuniram os moradores locais para discutirem sobre isso”, fala irmã Lúcia, com sua voz rouca e em tom raivoso, após lembrar dos episódios que marcaram a inauguração da praça. “O vandalismo da praça é fruto de projetos que chegam dentro da comunidade sem uma consulta pública, fruto de projetos que chegam dentro de uma comunidade sem levar em consideração a cultura que do povo que ali habita”, acrescenta Lúcia, evidenciando a falta de conhecimento dos governantes acerca das tradições dos habitantes locais.

Memorial Casa Profª Maria Sueli Rodrigues no Bairro São Joaquim, Zona Norte de Teresina. | Foto: Acervo do Memorial



Imagem dos Cabocos das Matas enferrujadas na Praça dos Orixás. | Foto: Isabelle Pedrosa

Para ela e tantos outros moradores, a Praça dos Orixás se tornou um alvo vulnerável e sem sentido, justamente por ter sido deslocada da comunidade presente. Sem o sentimento de paixão pelos tijolos erguidos, o amontoado de tijolos e estátuas viraram um símbolo de abandono. “A minha manifestação ali era em forma de protesto, porque até onde a gente sabe, a praça veio para compensar a retirada dos terreiros”, reforça Lúcia, expondo as raízes profundas que originaram o projeto.

Ao andar pela Praça, o sentimento de abandono nos cerca. Localizada próxima a uma esquina, com pequenos comércios e casas ao seu entorno, as imagens dos orixás foram levantadas dentro de um esgoto, e algumas já não existem mais. Explorando as esculturas ainda presentes, notam-se um emaranhado de fios amarelos, que marcam a presença de ninhos de passarinhos dentro dos braços de Ogum. No anfiteatro da praça, os papelões utilizados para as pessoas em situação de rua se protegerem durante o sono viram ornamentos decorativos, e a presença delas e dos pássaros talvez se traduzem como as únicas vidas presentes. A cena atual se contrapõe com os discursos proferidos no passado. “Aqui nós estamos escrevendo um capítulo de resgate, de respeito às religiões de matriz africana, ao povo negro. Aqui nós estamos escrevendo um capítulo da liberdade, de uma Teresina livre”, disse Firmino Filho, prefeito de Teresina em 2017, quando o local foi inaugurado.

A palavra “gentrificação” vista nos livros de história ganham vida na realidade dos locais, tendo em vista que com o avanço do capital, a capital da terra do caju passou por modificações em sua estrutura urbana, expulsando a população tradicional. “O projeto de expulsão dos habitantes locais começou no passado, com a retirada das lavadeiras que ficavam às margens dos rios”, diz o historiador Mairton Celestino, evidenciando que as intervenções urbanas historicamente desenham contornos que priorizam a esté

ca do capital em detrimento das vidas que constroem a identidade do território. Com a justificativa de progresso, a população tradicional é empurrada para a invisibilidade, com as tentativas de terem sua ancestralidade apagada.

Praça dos Orixás. | Foto: Isabelle Pedrosa



Entre ensaios e figurinos, Casa Redemoinho de Dança promove a arte e a formação de bailarinos na Zona Norte de Teresina

Eduardo Cunha

Em uma tarde de junho, ensolarada e quente típica de Teresina, eu estava em um MotoUber rumo à Zona Norte da capital. O destino era o bairro Mocambinho, onde eu conheceria uma história que envolve dança, amor pelo ensino e responsabilidade social. Tratava-se da Casa Redemoinho de Dança, um espaço idealizado e desenvolvido pelo professor de dança Datan Izaká, destinado a quem quer aprender sobre arte e expressão corporal.

No trajeto para essa pauta, dois pontos chamaram minha atenção: de onde vinha o nome "Redemoinho" e por que o bairro escolhido ficava na Zona Norte. Para me contar sobre a criação desse espaço, bati um papo com o próprio Datan, diretor e fundador da escola.Conversando com ele em uma sala rodeada por estandartes e figurinos, descobri as respostas para as minhas primeiras perguntas. Com mais de 20 anos de atuação na dança no Piauí, Datan conta que tudo começou em 2017, como um desdobramento do Grupo de Dança Redemoinho.

A iniciativa surgiu como uma plataforma de formação de profissionais no Estado e, até então, funcionava na Escola de Dança Lenir Argento. O desejo de ter um espaço próprio nasceu da necessidade de autonomia, já que os ambientes públicos dependem de gestões políticas e nunca se sabe até quando será possível usufruir daquela estrutura.

“Por exemplo, muitos grupos de dança ficaram desabrigados com o fechamento da Casa da Cultura de Teresina, localizada no Centro, onde esses grupos residiam”, relembra o professor. Foi assim que se plantou a semente que deu origem à Casa Redemoinho de Dança.

Com a experiência de quem criou diversos grupos e passou 15 anos na gestão pública como diretor da Escola de Dança Lenir Argento, o sentimento de independência falou mais alto.

“Eu entrei com 26 para 27 anos. Até então, ninguém tão jovem tinha chegado à gestão. Após 15 anos nesse ritmo, comecei a entender que precisava criar meu caminho de saída. Percebi que, se eu não fizesse esse movimento, seria confortável para os governos me manterem ali.” Com esse desejo de se desvincular da gestão pública, Datan encerra seu ciclo no Estado e consolida o projeto próprio, que hoje celebra cerca de quatro meses de atuação prática.

Identidade de Bairro

Quem gosta de dança em Teresina costuma associar a prática à Zona Leste da capital, região que concentra inúmeras escolas que se tornaram referência no segmento. No entanto, algo muito mais significativo atraiu Datan para o Mocambinho: uma relação afetiva construída ao longo de 30 anos morando na comunidade. Esse foi o ponto de virada na decisão.

Após decidir abrir a Casa Redemoinho de Dança, e tendo a experiência de já ter morado em diferentes regiões — como o Centro, a Zona Norte, a Zona Leste e a cidade vizinha de Timon, ele

iniciou as buscas pelo imóvel ideal. As primeiras tentativas não deram certo porque faltava a identidade que ele procurava. Foi quando percebeu que a melhor possibilidade estava em suas origens, na Zona Norte.

“Passei dois anos buscando a casa. Pensei em abrir na Zona Leste, onde a maioria das escolas está, mas eu sou daqui da região do Mocambinho. Moro aqui há 30 anos. Nasci no Centro, mas depois nos mudamos para cá. Morei na Zona Leste e em Timon, mas, por conta da minha mãe idosa, quis voltar”, conta.

Depois de tanta procura, o lugar ideal apareceu precisando apenas de reparos na pintura e de uma modificação na distribuição das salas para estimular a prática da dança. O sentimento de retribuição, nascido dos projetos sociais de que Datan participou na juventude, também justificou a escolha do território.

Após os dois anos de busca, o processo de negociação com a proprietária e o financiamento do imóvel levaram mais um ano e sete meses, somados a 90 dias para a mudança da antiga dona. O desfecho veio como um verdadeiro presente de Natal no fim de 2023.

Após todas as melhorias e adequações necessárias, a estrutura física ficou pronta em setembro de 2025. Contudo, por conta do calendário pedagógico, não seria viável abrir de imediato. A organização esperou as festas de fim de ano e o Carnaval passarem para, finalmente, inaugurar de forma oficial em março de 2026.

“Por que a Zona Norte e não a Zona Leste? Se eu fosse abrir com o meu renome, teria público lá, porque é o eixo tradicional. Mas eu sou uma pessoa de bairro. Morei sete anos na Zona Leste, mas sempre me identifiquei aqui”, afirma o diretor.

Essa inspiração também vem das memórias de infância no Centro, um centro periférico, mas de uma época em que a região tinha forte vida comunitária. Datan recorda com carinho a relação com a Baixa da Égua, na Avenida Campos Sales, onde sempre participava dos carnavais. Ele também narra que, em sua formação escolar, não existia a disciplina de Educação Física, que costuma ser uma porta de acesso à dança. Para ele, essa ausência histórica precisa ser reparada na formação das novas gerações de bailarinos.

Propósito e impacto Social

Vindo de escola pública e criado na periferia, o diretor da Casa Redemoinho de Dança moldou suas ações com base no impacto social que a arte pode promover, criando oportunidades de acesso que, em sua época de juventude, eram raríssimas em Teresina.

“Um amigo me perguntou: ‘Você sempre está pensando no projeto dos outros, mas qual é o seu projeto de vida? A gestão pública acaba’. A resposta que me veio de imediato foi que a única certeza que eu tinha era a de que, em algum momento, estaria desempregado e com quase 50 anos. Então, a decisão foi criar as condições para a minha saída, pois o mercado dificilmente contrata alguém nessa faixa etária, a não ser para cargos de gestão”, explica.

O retorno à ideia de manter uma escola foi cercado por reflexões sobre os erros do passado, como quando fechou seu primeiro espaço para focar integralmente no setor público. O desejo de democratizar o acesso à arte sempre foi um dos pilares de Izaká. Nessa nova fase, ele pretende devolver ao Mocambinho todas as oportunidades que recebeu. Não se trata apenas de retorno financeiro, mas de criar sustentabilidade e se tornar uma referência de ensino acessível.

“Pretendo ter condições de fazer o que amo. Gosto de ter meu grupo e gosto de ser professor. Foi trabalhando que cheguei aonde estou, e para mim é muito importante que seja no meu território.” Essa fala revela o peso que os ensinamentos de seus antigos mestres têm em sua trajetória: a convicção de que o conhecimento adquirido deve ser transmitido adiante, funcionando como uma via de acesso para os outros.

Com a consolidação do novo espaço, Datan destaca que os visitantes costumam se surpreender com o local. Quem vê a fachada não imagina que a estrutura interna está entre as melhores da capital piauiense.

“Se os bairros têm uma boa perspectiva, eles devem ser planejados para ter as melhores coisas possíveis. A comunidade merece ter a melhor escola”, reforça o professor sobre a escolha do Mocambinho para sediar a Casa Redemoinho de Dança.

Mesmo funcionando como uma escola particular, a consciência social nunca ficou de fora do planejamento. Mesmo sem financiamento público ou patrocínios externos, as ações afirmativas acontecem. A instituição conta atualmente com mais de 30 alunos bolsistas de faixas etárias diversas, abrangendo crianças, adolescentes, jovens e o público acima dos 50 anos. A existência de um espaço que carrega a responsabilidade social como pilar central torna-se um modelo a ser seguido para a construção de uma sociedade melhor.

Projetos que conectam

O Projeto Maria Bonita Dança, desenvolvido pelo Grupo Redemoinho de Dança, é uma iniciativa de formação artística que busca ampliar o acesso à dança contemporânea para pessoas em situação de vulnerabilidade social em Teresina. Integrado às atividades da Casa Redemoinho de Dança, o projeto se consolidou como referência na região por meio de residências artísticas, espetáculos e ações de difusão cultural.

Datan relembra que, durante o processo de instalação, a vizinhança o acolheu muito bem. Embora o bairro já fosse culturalmente rico, os moradores ansiavam pela inauguração do espaço e frequentemente perguntavam quando as aulas começariam. Esse relato reforça que o extensão da cultura é uma ponte para a criação de vínculos que, com o tempo, passam a ser defendidos e protegidos pela própria comunidade.

Oficina de Artesanais para desenvolvimento de adereços e acessórios cênicos a partir de processos manuais | Foto: Andressa Vieira Fotografia



Correr: uma paixão pela vida

Isaías André



Circuito Clube de Corrida em Teresina | Foto: Isaías André

O relógio marca pouco depois das cinco da manhã. A cidade ainda desperta lentamente quando os primeiros corredores surgem pelas ruas de Teresina. Alguns caminham antes de acelerar o passo. Outros já aparecem em ritmo constante, acompanhados apenas pelo som da própria respiração. No horizonte, o céu começa a clarear. É uma cena que se repete diariamente em cidades de todos os tamanhos, incluindo a nossa, e que, nos últimos anos, se tornou cada vez mais comum. A corrida de rua deixou de ser uma atividade restrita a atletas e passou a fazer parte da rotina de milhares de pessoas. O fenômeno cresce nas ruas, ocupa espaços na mídia e domina as redes sociais. Mas o que está por trás dessa febre? Trata-se apenas de uma tendência passageira ou de uma mudança profunda nos hábitos da sociedade?

A resposta não parece simples. Ao conversar com o profissional de educação física Fabrício Marques e com o corredor e jornalista Júlio Costa, fica evidente que a corrida reúne diferentes significados. Para alguns, ela representa saúde. Para outros, superação pessoal. Há quem encontre nela um momento de terapia, enquanto muitos enxergam um estilo de vida capaz de transformar a rotina.

Fabrício Marques acompanha esse crescimento de perto e acredita que a explicação começa pelos benefícios que a atividade proporciona. Segundo ele, a corrida de rua é uma importante ferramenta de promoção da saúde quando praticada de forma regular, planejada e estruturada.ulos e pulmões; também contribui para o equilíbrio emocional.

Os reflexos aparecem no dia a dia. A disposição aumenta, o estresse diminui e a sensação de autonomia cresce. Para Fabrício, um dos aspectos mais relevantes da corrida é justamente sua capacidade de melhorar a funcionalidade das pessoas. “O praticante se torna mais participativo socialmente, com benefícios biológicos, psicológicos e sociais”, afirma. É como se cada quilômetro percorrido ajudasse a ampliar não apenas a resistência física, mas também a qualidade das relações e da vida cotidiana.

Podemos refletir sobre o claro entendimento que temos de que correr é um hábito saudável para o corpo e para a mente das pessoas, mas, além disso, a corrida de rua virou uma grande febre, principalmente no contexto de Teresina e do Piauí, e com esse crescimento, muitas coisas ao redor da corrida também acabam crescendo junto. A parte comercial em volta da corrida também teve um grande aumento, hoje em dia as pessoas tem a famosa “skin” de corredor, muitos de nós que somos antenados nas redes sociais já sabemos identificar um corredor ou não somente pela sua roupa ou dos acessórios utilizados, mas correr não tem regra de quais roupas usar, qual calçado usar e como correr corretamente, essa prática sempre existiu, e nunca teve um estereótipo definido, agora no ano de 2026 temos o perfil de um corredor muito bem definido.

A história de Júlio Costa ajuda a dar rosto a essa transformação. Sentado após mais uma sessão de treino, ele relembra que a corrida entrou em sua vida de forma quase inesperada. Durante muito tempo, o futebol ocupou o centro de sua rotina esportiva. No entanto, as lesões interromperam esse caminho.

“Sempre gostei de esportes, principalmente futebol. Mas, por conta das lesões, não pude continuar. A corrida apareceu como uma das opções para me manter ativo e também perder peso”, conta. O que começou como alternativa rapidamente se transformou em hábito. Aos poucos, os treinos deixaram de ser uma obrigação e passaram a fazer parte da rotina. “Fui pegando gosto, evoluindo e tornando isso parte da minha vida”, lembra.

Embora corra há menos de um ano, Júlio já acumula experiências que considera marcantes. Ao falar sobre sua principal conquista, o entusiasmo é perceptível. Ele recorda o dia em que conseguiu completar uma prova de 10 quilômetros em menos de uma hora, quebrando seu recorde pessoal. “Cada quilômetro superado é marcante, mas esse momento teve um significado especial para mim”, diz. O feito foi resultado de semanas de dedicação, disciplina e persistência — elementos que, para muitos corredores, tornam a modalidade tão atraente.

Atualmente, sua rotina inclui três treinos semanais, realizados às terças, quintas e sábados, além de atividades complementares como musculação e natação. Os resultados são visíveis. “O benefício físico mais aparente foi o emagrecimento. Consegui chegar ao meu peso ideal e meu condicionamento melhorou bastante”, afirma. Mas, ao falar dos ganhos, ele faz questão de destacar outro aspecto. “A corrida também tem um efeito terapêutico. É uma forma de extravasar o estresse.”

Talvez seja justamente essa combinação de fatores que explique o crescimento da modalidade. Para Fabrício, o avanço da corrida de rua está ligado tanto à expansão dos eventos esportivos quanto à exposição cada vez maior na mídia. Provas para iniciantes, amadores e atletas experientes multiplicaram-se pelo país, tornando o esporte mais acessível. Ao mesmo tempo, programas de televisão, portais especializados e influenciadores digitais passaram a dedicar mais espaço ao tema. Se por um lado as redes sociais ajudam a popularizar a modalidade, por outro também transformam a corrida em um símbolo de estilo de vida. Vídeos de treinos, fotos de medalhas, registros de provas e capturas de aplicativos que medem desempenho passaram a ocupar espaço frequente nos feeds.

Circuito Clube de Corrida em Teresina | Foto: Isaías André



Para muitos iniciantes, esse conteúdo funciona como incentivo, mostrando que a corrida é acessível e possível.

A identificação com histórias de superação e transformação física contribui para atrair novos praticantes. Nesse sentido, as plataformas digitais não apenas acompanham o crescimento da corrida de rua, mas atuam como uma vitrine capaz de ampliar seu alcance e despertar o interesse de quem antes não se via nesse universo. As redes sociais desempenham um papel decisivo nesse processo. Fotografias de medalhas, registros de percursos, análises de aplicativos de monitoramento e relatos de superação transformaram a corrida em um dos conteúdos mais populares entre praticantes de atividade física. “A divulgação das rotinas dos corredores virou febre”, observa Fabrício. O esporte ganhou visibilidade e passou a inspirar novos adeptos diariamente.

Esse movimento também alterou o perfil dos participantes. Hoje, a corrida reúne pessoas de diferentes idades, profissões e objetivos. Há quem busque melhorar a saúde, quem deseje perder peso, quem procure socialização ou simplesmente um momento de conexão consigo mesmo. “Mais pessoas, com diferentes características e funções sociais, tendem a aderir à corrida de rua”, destaca o educador físico.

Se o futuro ainda reserva dúvidas sobre a permanência desse fenômeno, uma certeza já pode ser observada nas ruas. Quando o dia amanhece, milhares de pessoas continuam amarrando os tênis e saindo para correr. Algumas perseguem marcas e recordes. Outras apenas tentam encontrar equilíbrio em meio à correria da vida moderna. Entre o asfalto, o suor e a persistência, cada corredor carrega uma história própria, faça chuva ou faça sol, os corredores sempre estarão presentes nas ruas e nas avenidas da nossa cidade, independente de qual seja a finalidade das pessoas, correr sempre será algo positivo, jamais atrapalhar a vida de alguém.

Talvez seja justamente por isso que a corrida de rua tenha conquistado tantas pessoas. Mais do que uma moda, ela se tornou um espaço onde saúde, superação e pertencimento se encontram. E, enquanto houver alguém disposto a dar o próximo passo, a história continuará sendo escrita quilômetro após quilômetro.

King Kobra: o ninho onde a diversidade teresinense se encontra

Breno Campos



King Kobra Bar. | Foto: Alysson Camurça

Na Rua Portela Nunes, no bairro Primavera, há um casarão de três andares que abre as portas todos os dias a partir das 18 horas e recebe quem busca, em Teresina, um lugar com identidade própria. O King Kobra Bar se define, em seu próprio Instagram, como um "ninho de respeito, cultura e interações", algo que pode ser rapidamente entendido por quem adentra em seu espaço.

O andar do meio recebe o público que chega aos poucos, enquanto os alto-falantes espalhados por todos os cômodos mantêm a música tocando em dias sem programação fixa. É como se o bar nunca ficasse realmente em silêncio. Ao caminhar em direção às escadas, encontra-se o único andar climatizado do imóvel, um ponto bem-vindo em uma cidade onde o calor parece não cessar. Ali, as luzes coloridas mudam o tom de cada sala e criam pequenos ambientes dentro do mesmo espaço.

É nesse cenário que a estudante de Arquitetura Mariana Cipriano observa o King Kobra pela ótica do espaço construído. Na visão dela, o bar se destaca primeiro pelo ambiente, tanto pela forma como é distribuído fisicamente quanto pela presença constante de expressões artísticas, e por uma atmosfera de diversidade que se impõe já na entrada.

"Eu vejo ele como um espaço importante para a cena cultural da cidade por criar várias oportunidades de valorizar artistas locais, principalmente na área da música. O lugar não se segura apenas como um bar, mas oferece eventos e atividades diversas que reforçam essa experimentação cultural. Um exemplo atual disso são as sessões de cinema que estão acontecendo às terças. Acho legal oferecer esse acesso a tantas formas de arte em um local não convencional.", destaca.

Ao descer as escadas, o andar de baixo revela paredes compostas por imagens de entidades da Umbanda, que dividem espaço com a decoração alternativa e reforçam a mistura de referências que compõem a personalidade do lugar. Lá, a estudante de Medicina Veterinária Maria Clara Quirino destaca que o principal diferencial do King Kobra é ser um espaço genuinamente alternativo e inclusivo, que atrai um público diverso, formado especialmente por pessoas LGBTQIA+, artistas e integrantes de subculturas que muitas vezes não se veem representadas em ambientes mais convencionais da cidade. Ela nota, ainda, que a localização do bar, fora da zona predominantemente nobre da capital, contribui para essa identidade própria, distante da lógica mais elitizada de outros espaços de entretenimento. "Eu, particularmente, me sinto muito mais acolhida, respeitada e à vontade lá do que em outros lugares", afirma.

"Para mim, ele representa pertencimento. É um lugar onde sinto que posso existir de forma autêntica, sem a necessidade de me adequar às expectativas de outros ambientes. Lá, encontro pessoas com experiências e interesses parecidos com os meus, faço amizades. Além disso, sua existência amplia as possibilidades de lazer e de produção cultural para além dos circuitos tradicionais da cidade", diz Maria Clara.

Na lateral do espaço reservado às escadas, quem trabalha por detrás do balcão também relata sentir esse efeito de perto. Kelly Rodrigues atua como caixa do bar e observa, na prática, o comportamento do público. Segundo ela, o que diferencia o King Kobra de outros bares da cidade é a possibilidade de as pessoas se sentirem à vontade para ser quem são, independentemente de gostos, gêneros, estilo musical ou de vida.

Não é um destino que tenha pauta como muitos, ocultamente, dizem não ter. Mas sim pela questão da cultura aplicada no momento da divulgação e pela linha de clientes e frequentadores. A importância dele para a cena de cultura musical tem a ver, como eu sempre gosto de falar, com a cultura do reggae e sobre a quantidade de clientes que se sentem livres ali".

Já no andar de cima, a cobertura se torna um dos cantos mais conhecidos do bar. É dali de onde se avista a Ponte Estaiada iluminada, cenário que vira plano de fundo para a maioria das fotos feitas ao longo da noite.



King Kobra Bar | Foto: reprodução redes sociais

Entre ervas e orações

Maria Isabelle Pedrosa

“Não é uma cura, é uma arte”, disse Mãe Nenzinha de Ogum, após uma conversa sobre a arte de curar através dos movimentos das mãos que seguram folhas e plantas verdes. Há quem pense que o ato de curar por intermédio do benzimento é algo que já não existe mais, também há quem diga que o benzimento não funciona, mas ao conversar com Nenzinha, percebemos que essa tradição permanece viva e presente. Ao andar em seu terreiro, um forte sentimento de espiritualidade nos invade, imagens de santos da igreja católica e dos orixás estão presentes no local, seu quintal com plantas de todos os tipos deixa a mostra a quantidade de ervas que podem ser utilizadas durante um benzimento.

Com um sorriso no rosto, vestindo roupas brancas volumosas, Nenzinha nos recebe de braços abertos. “Onde a gente desenvolve, a gente aprende, o guia instrui... cura que você precisa. Mas também eu digo que tem muito da fé, com fé, até a água pura cura”, diz a benzedeira, que começou a benzer desde nova em crianças, e compartilha que elas são o público mais procurado para serem benzidas.

Para Mãe Nenzinha, o benzimento é um caminho de fé e cuidado que se manifesta por meio das orações e do uso das ervas. Entre os males que costuma tratar está o quebranto, condição que, segundo ela, pode ser aliviada rapidamente por meio da reza. Dependendo da necessidade de cada pessoa, o acompanhamento pode durar dias ou até semanas, sempre respeitando o tempo de quem busca o benzimento. Apesar da confiança em seu ofício, ela faz questão de ressaltar que não atribui a si o poder da cura. “Eu benzo a pessoa, e Deus cura. Só quem cura é Deus”, reforçando que não é responsável pelo tratamento feito pela espiritualidade.

Mais do que preservar uma prática tradicional, Mãe Nenzinha também se dedica a transmitir seus conhecimentos às novas gerações, preocupada em não deixar que essa arte se perca no tempo, ela hoje se torna também professora. “Aqui eu ensino os meninos exatamente para ver se segue. tem umas pessoas, uns jovens... eu aprendo a oração tal, aprendo a isso, aprendo a isso aqui, se é para isso, para aquilo”, em seu terreiro, incentiva jovens interessados a aprender as orações e os ensinamentos que envolvem o benzimento, na esperança de que a tradição continue viva. Para ela, compartilhar esse saber é uma forma de manter viva uma herança espiritual construída ao longo dos anos, garantindo que a arte de benzer siga presente na comunidade e continue acolhendo aqueles que procuram conforto, proteção e fé.

Na arte do benzimento, a cura vai além do alívio físico e também reconforta a alma. “Nós somos médicos da alma, como diz ali, clínica da alma, para diagnosticar um problema que tem na nossa matéria, e nós não, somos médicos espirituais enquanto eles dentro da umbanda, dentro da espiritualidade do guia”. O terreiro passa a ser visto como uma “clínica da alma”. Ali, ela e seus guias atuam como médicos espirituais, buscando diagnosticar as feridas que a matéria não explica, mas que pesam no espírito.

Se para Nenzinha o benzimento é uma arte que se aprende, para Dona Amparo é um saber que vem conosco e que não depende de saberes externos.

Sai da mente e do coração”, responde Dona Amparo, quando questionada sobre como aprendeu a arte de rezar nas pessoas, revelando uma conexão direta e profunda entre o seu sagrado e a sua intuição.

No cotidiano de Dona Amparo, os males da alma e do corpo ganham nomes tradicionais que ela conhece como o "quebranto" e o "vento caído". Com foco especial nas crianças ela descreve o vento caído como uma condição que pode passar de um pequeno para o outro. Para ela, a reza é o único remédio definitivo, "só melhora depois do benzimento", afirma ela, garantindo que o efeito é quase instantâneo, pois logo que começa o rito, a pessoa já "se sente bem”.

Com cabelos brancos amarrados em um coque e com uma pele negra reluzente, Amparo diz que não pode repassar seus aprendizados sobre o benzimento, porque para ela, “cada um tem que aprender”. Essa recusa em transmitir o benzimento revela uma filosofia sobre a natureza do dom que ela protege com zelo. “Se eu passar para você, você vai ficar sozinha sem nada”, diz ela, que acredita que a tentativa de transferir esse conhecimento pode resultar em um esvaziamento espiritual.

Embora Mãe Nenzinha de Ogum e Dona Amparo percorram caminhos distintos, tendo em vista que uma acredita que a arte de realizar rezas para curar é algo que possa ser ensinado, e outra guarda essa atividade como um dom divino e intransferível, o benzimento resiste como uma prática de cura que interliga o sagrado e com a ancestralidade, e o seu objetivo é algo imutável. A tradição que algumas pessoas acreditam não existir mais, ainda pulsa nas mãos das mulheres que seguram as ervas.

